

## DESCRIÇÃO DE EX-LIBRIS IMPRESSOS PARA USO EM BIBLIOGRAFIAS E CATÁLOGOS AUTOMATIZADOS

**Resumo:** O objetivo principal deste artigo foi elaborar um modelo de descrição de ex-líbris impressos que trouxesse metadados e regras para servir tanto para bibliografias como para catálogos em geral, mas com foco nos catálogos automatizados que usam o padrão MARC21. No caso das bibliografias, a descrição teria como referência o exemplar “ideal”, concebido pelo autor, e no caso dos catálogos, a referência seria o exemplar em mãos, com suas respectivas marcas extrínsecas (carimbos, assinaturas etc.). A metodologia se apoiou, principalmente, na busca por padrões de descrição e catalogação consolidados internacionalmente em bibliografias e catálogos especializados, bem como textos de ex-librismo e Biblioteconomia. Isso resultou em um modelo que busca abranger e prever a maioria das características físicas e temáticas altamente variadas do ex-líbris. O modelo proposto pode ser um ponto de partida para a adoção ou discussão de uma padronização de descrição de ex-líbris em bibliografias e catálogos.

**Palavras-chave:** Ex-libris. Catalogação. MARC21. Bibliografias. Catálogos.

**Luiz Felipe Peçanha Stelling**  
Mestre em Educação  
IFRJ  
orcid 0000-0002-1079-5308  
lufe1966@gmail.com

**Thalles Augusto de Carvalho Siciliano**  
Bacharel em Biblioteconomia  
FIOCRUZ  
orcid 0000-0003-0975-7512  
thallessiciliano@gmail.com

## DESCRIPTION OF PRINTED EX-LIBRIS (BOOKPLATES) FOR USE IN BIBLIOGRAPHIES AND AUTOMATED CATALOGS

**Abstract:** This article proposes a model for the description of printed ex-libris (bookplates). The main objective was to develop and suggest a model for the description of ex-libris that included metadata and rules that could serve both for bibliographies and catalogs in general, but with a focus on automated catalogs that use the MARC21 standard. In the case of bibliographies, the description would refer to the “ideal” copy, designed by the author, and in the case of catalogs, the reference would be the copy in hand, with its respective extrinsic marks (stamps, signatures, etc.). The methodology was based, mainly, in the search for internationally consolidated description and cataloging standards in specialized bibliographies and catalogs, as well as exlibrism and Librarianship texts. This resulted in a model that seeks to cover and predict most of the highly varied physical and thematic characteristics of the ex-libris. The proposed model can be a starting point for the adoption or discussion of a standardized description of ex-libris in bibliographies and catalogs.

**Keywords:** Ex-libris. Bookplate. MARC21. Bibliographies. Catalogs.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Pearson (1998, p. 54), o uso de etiquetas impressas em papel, para marcar a propriedade [*book labels* e *bookplates*] ou a doação de um livro [*book-donor label*], é quase tão antigo quanto a própria imprensa, e é uma das mais familiares marcas de propriedade observadas pelos pesquisadores de proveniência bibliográfica.

Segundo Faria e Pericão (2008, p. 321), o termo ‘ex-líbris’ pode designar toda menção de posse de um livro, podendo ser manuscrita ou impressa. Quando é impresso, o ex-líbris está geralmente colado no verso da pasta da encadernação. A identidade pode ser indicada pelo nome ou suas iniciais, ou pelas suas armas, um emblema ou sua divisa. Podemos estender esse conceito observando que o ex-líbris é constituído de um desenho (design gráfico), em geral impresso em papel, em exemplares múltiplos, produzido por processos gráficos comerciais, industriais, artesanais ou artísticos.

O estudo dos ex-líbris sempre esteve intimamente associado ao colecionismo (Pearson, 1998). Há uma relação direta entre estudo, conhecimento e coleção – pode-se compreender esse fato porque, se uma coleção é reunião ordenada de objetos (de interesse estético, cultural ou científico), só se podem ordenar os objetos do quais se conhecem as características. Denomina-se ‘ex-librística’ o estudo sistemático e profundo dos ex-líbris sob todos os pontos de vista: artístico, genealógico, heráldico, biobibliográfico, etc. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 321)

Os ex-líbris impressos, na sua forma e função, surgiram na Alemanha, no século XV; o interesse em estudá-los iniciou-se também na Europa, no final do século XIX. A partir dessa época, houve a produção de textos realizados por estudiosos que detinham ou consultavam representativas coleções de ex-líbris. Tais textos são ainda valiosa referência no campo. Pearson (1998) menciona o Catálogo da Coleção de Sir A. W. Franks (em três volumes, em 1903-04), legada ao Museu Britânico em 1897, como importante texto na bibliografia padrão sobre ex-líbris britânicos. Outra importante referência é o catálogo do Museu Gutenberg, de Mogúncia<sup>1</sup>, que descreve não somente ex-líbris alemães, mas de todo o mundo.

---

<sup>1</sup> SCHUTT-KEHM, Elke. *Exlibris-Katalog des Gutenberg-Museums*. 1. und 2. Teil. Wiesbaden: Verlag Claus Wittal, 1985-2003.

Os estudos brasileiros sobre ex-líbris surgiram tardiamente, nos anos 1950. A publicação mais importante ainda é o Arquivo Brasileiro de Ex Libris<sup>2</sup>. Sobre os ex-líbris brasileiros heráldicos, a principal referência sobre a nobreza brasileira oitocentista é o Arquivo Nobiliárquico Brasileiro<sup>3</sup>. De 1995 a 2002, o pesquisador Paulo Berger elaborou um catálogo de ex-líbris brasileiros, com nome do proprietário e do autor<sup>4</sup>, que não recebe atualizações ou revisões desde aquela data. Não há, até o momento, uma base de dados unificada de ex-líbris brasileiros.

Este trabalho tem como objetivo sugerir a padronização de um modelo de descrição e catalogação de ex-líbris impressos. O modelo foi elaborado com o fito de servir para bibliografias (que partem, de um modo bastante geral, de um exemplar ‘ideal’, concebido pelo autor) e catálogos (que descrevem o exemplar em mãos). Procuramos nos basear nas principais práticas e convenções internacionais de descrição de ex-líbris (notadamente bibliografias e catálogos especializados), além de normas e princípios de catalogação preconizados pela Biblioteconomia.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No contexto da descrição, temos os conceitos de ‘catalogação’ e ‘metadados’, bem como os princípios da ‘ISBD’ e os campos do ‘MARC21’. Sobre a catalogação, adotamos a seguinte definição:

O estudo, preparação e organização de mensagens, com base em registros do conhecimento, reais ou ciberespaciais, existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir a interseção entre as mensagens contidas nestes registros do conhecimento e as mensagens internas dos usuários (MEY; SILVEIRA, 2009, p. 7).

Ainda segundo as autoras, a catalogação não só descreve registros do conhecimento, mas os individualiza, tornando-os únicos, e os relaciona por suas semelhanças. Essa representação também leva em conta a cognição e as características do usuário. Isso significa

---

<sup>2</sup> TOURINHO, Octávio de Campos. *Arquivo Brasileiro de Ex Libris. 1a. Série. 500 ex libris. A-Z*. Rio de Janeiro, 1950.

<sup>3</sup> Disponível em:

<https://ia802907.us.archive.org/4/items/archivonobiliarc00vascuoft/archivonobiliarc00vascuoft.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2020.

<sup>4</sup> Disponível em: [http://brasilcult.pro.br/ex\\_libris/catalogo\\_lista.htm](http://brasilcult.pro.br/ex_libris/catalogo_lista.htm). Acesso em: 11 mar. 2020.

dizer que a catalogação não é algo mecânico, mas, sim, humano (MEY; SILVEIRA, 2009). Neste trabalho, chamamos de catalogação o processamento técnico, que envolve a representação descritiva e a temática.

No Brasil, o código mais utilizado é o Código de Catalogação Anglo-Americano, 2ª edição (CCAA2) ou, como é mais conhecido, *Anglo-American Cataloguing Rules* (AACR2)<sup>5</sup>. Nossa proposta se baseia em suas regras no tocante à escolha dos pontos de acesso. Para a descrição, escolhemos as áreas e regras de pontuação da ISBD<sup>6</sup> (*International Standards for Bibliographic Description*). Podemos entender a ISBD como “[...] um padrão bibliográfico para a apresentação e o intercâmbio de registros bibliográficos [...]” (SILVA, 2016, p. 153). Ainda segundo o autor, seu sistema de pontuação funciona como um código linguístico, identificando e demarcando as posições dos dados bibliográficos dentro do registro.

No âmbito eletrônico, há os metadados que são ‘dados sobre outros dados’ (MEY; SILVEIRA, 2009, p. 133), ou seja, são dados que identificam e caracterizam outros dados. Alguns exemplos comuns são: autor, título, idioma, entre outros. Há diversos tipos de padrões ou conjuntos de metadados, sendo o *Dublin Core*<sup>7</sup> um dos mais conhecidos no mundo.

Para a análise de imagens, utilizamos os três níveis de Panofsky (1955), a saber: descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica. No primeiro nível, identifica-se a classe mais geral de cada elemento da imagem. O segundo nível fornece características e delimita. O terceiro nível contém uma análise histórica e alegórica. Por exemplo, ao analisar uma foto de uma praça com um prédio público destacado, o primeiro nível seria composto por ‘praça’, ‘edificação’, ‘plantas’. O segundo conteria ‘Praça do Expedicionário’, ‘Banco do Brasil’, ‘palmeira’. O terceiro nível descreveria: ‘a Praça do Expedicionário, localizada em Santos, SP, fundada em 1947, homenageia a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Ao fundo, agência do Banco do Brasil rodeada por palmeiras’.

---

<sup>5</sup> Publicado pela primeira vez em 1967, surgiu a partir das propostas da Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação, realizada em 1961, em Paris, organizada pela IFLA e patrocinada pela UNESCO (CÓDIGO..., 2002).

<sup>6</sup> Resultado da mesma conferência, de 1961. A ISBD é, basicamente, um conjunto de propostas de padronização da descrição bibliográfica (SILVA, 2016). O MARC21 (“século XXI”) é a união do USMARC (Estados Unidos) e CANMARC (Canadá).

<sup>7</sup> Ferramenta de descrição de documentos eletrônicos em rede desenvolvida pelo Online Computer Library Center (OCLC) e o National Center for Supercomputing Applications (NCSA), em 1995. O nome do padrão se deve ao local do encontro, a cidade de Dublin, em Ohio (MEY; SILVEIRA, 2009).

O formato MARC<sup>8</sup> foi nosso modelo para inserção de dados legíveis por máquina. Foi escolhido por ser bastante conhecido e usado no Brasil. Nossa proposta levou em conta as suas regras e padrões de uso, mas em alguns casos foram feitas adaptações que objetivaram melhorar a recuperação, manter a integridade da descrição e respeitar as particularidades dos ex-líbris.

### 3 DESCRIÇÃO E CATALOGAÇÃO

#### 3.1 Metadados

O modelo que sugerimos é baseado, por analogia, em um exemplo de descrição bibliográfica apresentado por Stokes (1981). O ex-líbris é descrito em si, independente de estar solto, fixado ou colado em livro, inserido ou encartado como suplemento de publicação, ou ainda em folha ou álbum de coleção.

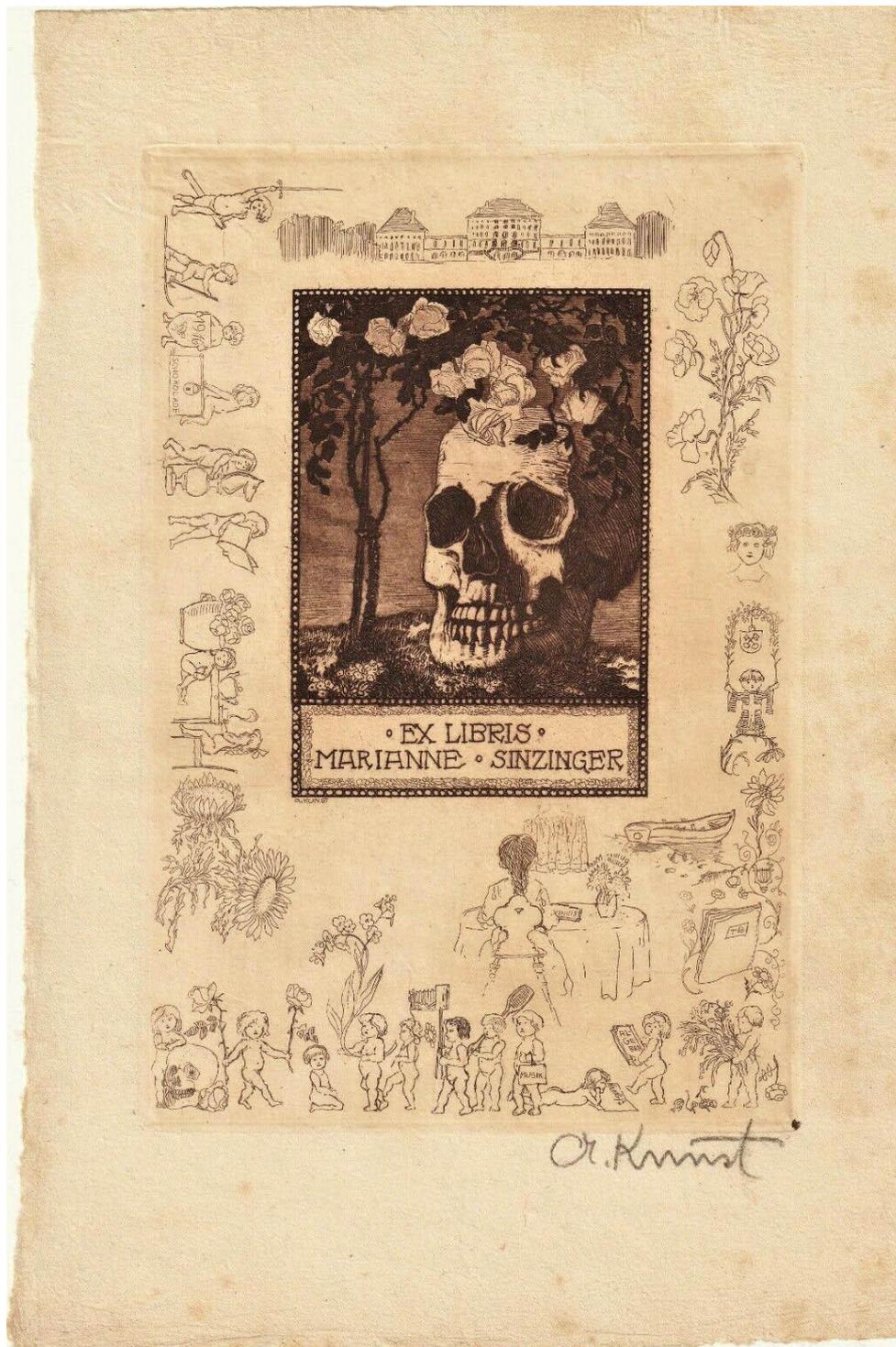
A seguir, fazemos alguns comentários referentes aos metadados de ex-líbris impressos:

- ‘Autor’ – pessoa física ou jurídica responsável pela criação do desenho do ex-líbris. A nacionalidade, neste metadado, é importante.
- ‘Proprietário’ – é a pessoa, família ou instituição ao qual o ex-líbris marca a vinculação de propriedade com o livro. O proprietário se relaciona com o livro e com o seu ex-líbris, ao mesmo tempo.
- ‘Desenho’ (ou *design*) – Composição composta de inscrições (nomes, assinaturas, numerações etc.) e imagens (figuras, retratos, brasões, insígnias, símbolos, bordas, molduras, cartuchos, signos tipográficos, monogramas). Além do desenho principal e ao redor dele, podem existir pequenas figuras, caracteres ou textos, denominados ‘remarcas’ (**Figura 1**). Do ponto de vista estético e utilitário, o desenho envolve a materialidade física associada à funcionalidade, no caso, marcar o vínculo entre o livro e seu proprietário.

---

<sup>8</sup> Sigla de *Machine Readable Cataloguing record* (recurso legível por máquina). O MARC foi feito para fazer com que as informações dos registros catalográficos ou bibliográficos fossem legíveis por computador (FURRIE, 2000).

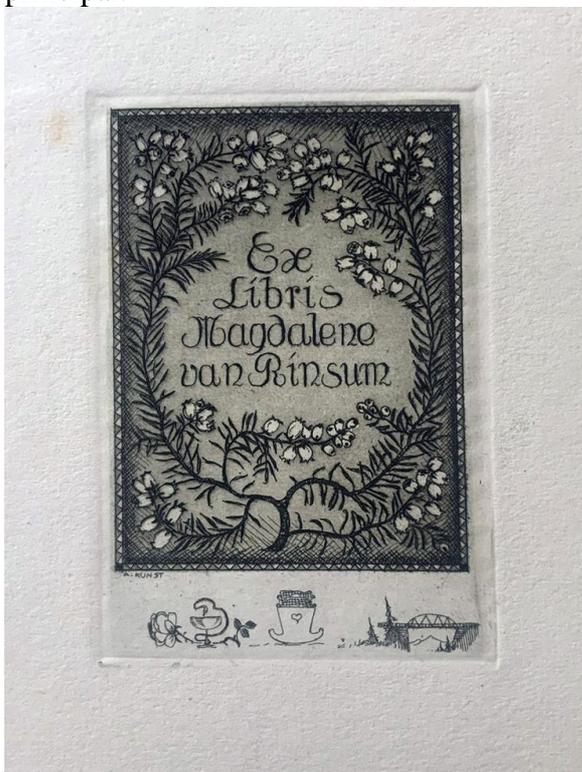
**Figura 1** - Adolf Kunst (Alemanha, 1882-1937) – ex-líbris de Marianne Sinzinger. Inúmeras remarcas circundam o desenho principal.



Fonte: acervo pessoal.

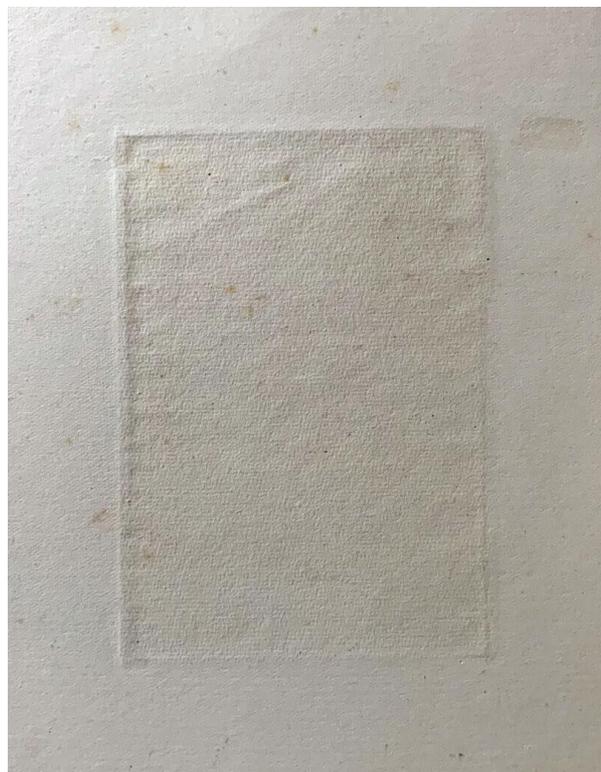
- ‘Informações gerais’ – dados biográficos sobre o autor e sobre o proprietário do ex-líbris; a classificação do estilo/época (renascentista, barroco, vitoriano, heráldico, *art nouveau*, *art déco*, surrealista, cubista, abstrato); classificação de motivo (animais, medicina, *vanitas*, bibliotecas, erotismo, música etc.); datas de criação, produção (impressão), edição (limitada, artística etc.) e *opus* (obra numerada do artista).
- ‘Gravador’ e/ou ‘Impressor’ – quem produz a matriz do ex-líbris; quem imprime (produz) os exemplares.
- ‘Editor’ ou ‘fabricante’ – no caso de se tratar de ex-líbris comerciais, a maioria sendo ex-líbris do tipo ‘universal’, ou seja, com uma lacuna ou espaço para se preencher com o nome do proprietário.
- ‘Suporte’ – material onde é impresso o ex-líbris: papel, plástico, couro, tecido, madeira, metal etc. Algumas categorias nessa área são: cor do papel, marca d’água e contramarca, tipo de papel (offset, pólen, *couché*, reciclado, artesanal, japonês etc).
- ‘Dimensões’ – da área impressa X dimensões da folha (em centímetros). No caso da gravura em metal, devem-se informar as dimensões da chapa de metal (matriz) ao invés de informar a área impressa. Nos exemplares impressos por gravura em metal, pode-se ver e/ou sentir o ‘testemunho’, que é a marca em forma de ligeira depressão, no papel, da borda da placa da matriz, resultante do processo de impressão (**Figuras 2 e 3**). Nos impressos circulares, a dimensão é dada pelo diâmetro. A área impressa também pode ser ovóide, elipsóide, triangular; nesses casos indicar altura e largura na posição que o ex-líbris estiver posicionado ‘em pé’ ou na posição ao estar colado em um livro.

**Figura 2** - Adolf Kunst – ex-líbris de Magdalene van Rinsum. Notar o testemunho (marca de impressão da chapa metálica no papel) e três remarcas abaixo do desenho principal.



Fonte: acervo pessoal.

**Figura 3** - Adolf Kunst – ex-líbris de Magdalene van Rinsum. Imagem do verso do exemplar. Notar o testemunho produzido durante o processo de impressão.



Fonte: acervo pessoal.

- ‘Técnica de produção’ – seguir a simbologia da FISAE<sup>9</sup>, disposta no **Quadro 1**. Os ex-líbris podem ser impressos por uma técnica somente, ou por combinação de técnicas gráficas e/ou artísticas.

<sup>9</sup> FISAE é o acrônimo, em francês, da Federação Internacional das Sociedades de Amadores de Ex Libris [*Fédération Internationale des Sociétés d’Amateurs d’Ex-Libris*]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200219213538/http://www.fisae.org/home/symbols-for-techniques> Acesso em: 05 maio 2020.

**Quadro 1** - Simbologia de técnicas de impressão de ex-líbris

Calcografias		Técnicas em relevo		Técnicas planas ou eletrônicas		Outros símbolos
Originais	Reprodutivas	Originais	Reprodutivas	Originais	Reprodutivas	
C Calcografia	P3 Heliogravura	X Impressão em relevo	T Tipografia	L1 Autolitografia	P Reprodução fotográfica	---/... O número seguinte ao símbolo técnico indica o número de passagens na prensa
C1 Gravura (buril) em aço	P4 Fotogravura comercial, Rotogravura	X1 Xilografia de fio	T1 Linotipia	L2 Autografia	P5 Colotipia	/mon. Monotipia
C2 Gravura (buril) em cobre ou zinco		X2 Xilografia de topo	T2 Fotoxilografia	L3 Zincografia	P6 Fotolitografia	/col. Colorido à mão
C3 Água-forte		X3 Linoleografia	T3 Carimbo comercial de borracha ou polímero	L4 Algrafia	P7 Offset	
C4 Ponta-seca		X6 gravura de matriz não metálica (plástico, acrílico)	P1 Clichê, com imagem formada por pontos, linhas e áreas chapadas.	P8 Fotografia original ou holograma	P9 Reprodução serigráfica	
C5 Aquatinta		X7 gravura (chinesa) de matriz em pedra	P2 Clichê meio-tom, com imagem em retícula	S Estêncil	Y Fotocópia	
C6 Verniz mole				S1 Serigrafia		
C7 Maneira negra				S2 Mimeografia ( <i>batik</i> )		
C8 Gravura em linóleo, plástico etc.				S3 <i>Katazome</i>		
				S4 <i>Kappazuri</i>		
					CGD Composição	

Calcografias		Técnicas em relevo		Técnicas planas ou eletrônicas		Outros símbolos
					criada com o auxílio de computador ( <i>computer generated design</i> )	

Fonte: adaptado de Junod (2004).

- ‘Tintas e cores’ – Se houver cores além do preto, citá-las. Em caso de inúmeras cores, pode-se mencionar impresso em policromia. Indicar também cores metálicas, como dourado, prateado e bronze.
- ‘Referências bibliográficas’ – fontes que citam o item descrito e/ou coleção que possui um exemplar catalogado.
- ‘Notas’ – outras informações sobre o exemplar descrito. Alguns exemplos: exemplar solto, *in situ*<sup>10</sup>, em folha de colecionador etc; proveniência (ordem cronológica); anotações manuscritas em geral. No verso: marcas, inscrições, carimbo de colecionador, carimbo de artista, e sinais de restauro. O carimbo de colecionador é um tipo de marca de proveniência dos ex-líbris como objetos de coleção.

### 3.2 Descrição legível por máquina: AACR2, MARC21 e ISBD<sup>11</sup>

Os campos e a recuperação foram testados no sistema Pergamum. Consideramos o ex-líbris como uma obra independente que pode estar, ou não, vinculada (afixada) a um livro. O preenchimento dos campos MARC teve como principal referência a tradução do MARC Bibliográfico feita pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)<sup>12</sup>. Os casos omissos ficam a cargo da instituição.

<sup>10</sup> Colado no livro.

<sup>11</sup> O AACR2 não aplica a área 3 aos materiais gráficos. Neste trabalho, decidimos não abordar a área 8 por questões de brevidade e utilidade

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/MARC21/index.html>. Acesso em: 12 mar. 2020.

### 3.2.1 Campo 007

No caso de um ex-líbris colado, sugerimos que o tipo de obra no campo 007 seja “c – Recurso eletrônico”. Isso porque não há exemplares físicos inventariáveis, com números de exemplar e tombo, como ocorre com livros. Caso se trate de uma coleção de ex-líbris avulsos, poderão ser catalogados separadamente, como livros, e sugerimos que o tipo de obra seja “k – Material gráfico não projetável” ou “z – Não especificados”.

### 3.2.2 Área 1 – Título e indicação de responsabilidade

#### a) Autoria e responsabilidade

- ‘Entrada principal’ (100, 110): sugerimos registrar o máximo de informação possível sobre o autor e os responsáveis pelo ex-líbris, incluindo títulos de nobreza, nascimento e morte, biografia e se era ou não colecionador de arte, de livros, de ex-líbris. Seguindo a lógica das gravuras, a entrada principal é pelo autor da obra. Fazer segundo o código de catalogação vigente. Caso o autor seja também o proprietário<sup>13</sup>, registrar como tal e informar em notas gerais (500).

100 1# \$a Oliveira, Jorge de

245 11 \$a [Ex-líbris de Antônio Siqueira]

Caso seja vontade da instituição, para facilitar a recuperação, a entrada pode ser pelo proprietário, mesmo que ele não seja o autor, pois entendemos que o usuário provavelmente pesquisaria o ex-líbris pelo seu proprietário, e não pelo artista.

#### b) Título

- ‘Título principal’ (245): seguir a fórmula ‘Ex-líbris de *pessoa/instituição em ordem direta*’. Esse nome é a forma com que a pessoa/instituição é mais conhecida. Caso haja título de nobreza, inclua-o após vírgula. Fazer uma entrada secundária para o nome padronizado nos campos 700 (pessoa) e/ou 710 (instituição).

110 2# \$a Maison Stern

245 11 \$a [Ex-líbris de Oswaldo Cruz]

---

<sup>13</sup> Ex-líbris *ipse fecit*.

Importante: no segundo indicador do campo 245, coloque 1 para que seja ignorado o primeiro colchete. Isso tem como objetivo melhorar a recuperação pelo título.

- ‘Título variante’ (246): fazer um título variante seguindo a fórmula: ‘Tipo de Ex-líbris de nome de batismo/completo da pessoa/instituição em ordem direta’, conforme o exemplo:

245 10 [Ex-líbris de Oswaldo Cruz]

- [Ex-líbris de Oswaldo Gonçalves Cruz]

‘Anagrama, sigla ou pseudônimo’: registre-os como aparecem. Faça um ou mais títulos variantes com a forma completa. Faça uma entrada secundária padronizada.

245 10 \$a [Ex-líbris de A.L.O.E]

246 0# \$a [Ex-líbris de A Lady of England]

700 0# \$a Tucker, Charlotte Maria

\$d 1821-1893

‘Ex-líbris não identificados e anônimos’: caso não seja possível identificar o artista ou responsável pelo desenho do ex-líbris, a entrada é feita pelo título (245). Registre o fato em notas (500).

Caso não seja possível identificar nenhum responsável ou envolvido na produção do ex-líbris, registre o título: “Ex-líbris de desconhecido” ou similar. Registre o fato em notas (500).

Não recomendamos catalogar ex-líbris universais sem preenchimento. Nesses casos, se estiver colado no livro, faça uma nota 590.

### 3.2.3 Área 2 – Edição (250)

- ‘Edição’ (250): registrar aqui os estados, variações, edições comemorativas etc. conforme os exemplos:

250 ## \$a 2. Estado

250 ## \$a 5. Variação

Caso necessário, inclua outras informações que possam ser pertinentes. Se a indicação de edição estiver em mais de um idioma, transcrever a indicação em língua estrangeira. Caso isso não seja possível, transcreva a indicação que aparecer primeiro.

250 ## \$a 5. estado

\$b Tiragem reduzida, em papel especial

### 3.2.4 Área 4 – Distribuição, publicação etc (260)

Registre a data (\$c) e o responsável pela impressão (\$e), caso possível.

260 ## \$a [S.l. :

\$b s.n.],

\$c 1990 (data de publicação ou impressão)

\$e (Uberaba, MG :

\$f Gráfica Vitória)

### 3.2.5 Área 5 – Descrição física

A descrição física segue quase as mesmas regras da gravura comum. Porém, sugerimos que a descrição das técnicas siga os símbolos da FISAE.

300 11 \$a 1 grav.:

\$b X1<sup>14</sup>, p&b ;

Atenção: nem todos os ex-líbris são produzidos por técnicas de gravura; há aqueles impressos por técnicas reprodutivas como *offset*, tipografia e clichê, conforme listado na tabela 1.

#### 3.2.6.1 Dimensões

Registrar altura e largura em centímetros exatos, sem arredondamentos.

300 11 \$a 1 grav.:

\$b C2<sup>15</sup> ;

---

<sup>14</sup> Xilografia de fio.

<sup>15</sup> Gravura (buril) em cobre ou zinco.

\$c 23,3 x 14,8 cm

As dimensões são dadas na seguinte sequência: altura x largura da área impressa, altura x largura da folha do ex-líbris. Se for uma gravura em metal, primeiramente, as dimensões das bordas da chapa da matriz (se houver, as remarcas também estarão na matriz), depois, as dimensões da folha do ex-líbris.

300 ## \$c 13,5 x 10 cm, 22 cm x 15,8 cm

Aqui, 13,5 x 10 cm indicam a área impressa, e 22 x 15,8 cm indicam as dimensões da folha do ex-líbris. A vírgula é sugestão nossa e não está prevista no AACR2. Primeiramente, pensamos em usar dois pontos, mas no capítulo de materiais gráficos do Código essa pontuação vem antes de outros detalhes físicos (8.5A1).

### **3.2.6.2 Suporte**

Especifique o suporte físico do ex-líbris, tais como papel, tecido, plástico etc. da seguinte forma:

300 ## \$b 14,6 x 9,2 cm : papel

### **3.2.6 Área 6 – Série**

Recomendamos que este campo seja considerado especialmente no caso dos ex-líbris colados. Se a instituição quiser reunir uma coleção de ex-líbris por qualquer razão, sugerimos a criação de uma série com nome representativo. Caso haja o nome de uma série, respeite esse nome. Séries podem ser criadas para reunir ex-líbris de uma coleção particular ou indicar o conjunto de obras de um artista. Mais de um subcampo \$a pode ser usado para fornecer mais informações sobre a coleção.

490 0# \$a (Coleção Alberto Lima)

\$a / Alberto Lima

Nesse caso, a instituição quis reunir os ex-líbris feitos por Alberto Lima, como indica a barra oblíqua que indica responsabilidade.

490 0# \$a (Coleção Menezes Drummond)

\$a Ex-líbris

Trata-se da coleção particular de ex-líbris de Menezes Drummond

Caso o proprietário tenha dado alguma indicação sequencial ou de ordem, coloque-a no subcampo \$v procurando respeitar a nomenclatura ou indicação dada por ele. Caso a ordem seja dada por alguém além do proprietário, coloque-a entre colchetes.

490 0# \$a (Coleção Menezes Drummond)

\$a Ex-líbris

\$v III

### 3.2.7 Área 7 – Notas

- 500 – ‘Notas gerais’: usar nos seguintes casos:
  - a) Autor que também é o proprietário;
  - b) Não é possível identificar o artista ou responsável pelo desenho do ex-líbris. Não a use para ex-líbris universais;
  - c) Não é possível identificar nenhum responsável ou envolvido na produção do ex-líbris
  - d) Fontes bibliográficas que citem o item ou a coleção<sup>16</sup>.
  
- 520 – ‘Resumo’: propomos que sejam seguidas algumas das regras do Manual de Indexação de Documentos Fotográficos da Biblioteca Nacional do Brasil, a saber:
  - Procurar usar os termos utilizados na indexação;
  - Procurar não usar sinônimos ou termos eliminados na indexação;
  - Utilizar como descritores somente os termos que não foram considerados na área de assunto, mas são relevantes na recuperação da imagem;
  - [...]
  - Tentar estabelecer um vocabulário controlado, se necessário, além dos termos do tesouro utilizado para indexação (ALVES, 1998, p. 22).

Descreva, neste campo, o desenho (design) do ex-líbris. A descrição será feita pelo método da fotobibliografia (PINHEIRO, 2003, p. 11-31; STOKES p. 346--356), que é uma

---

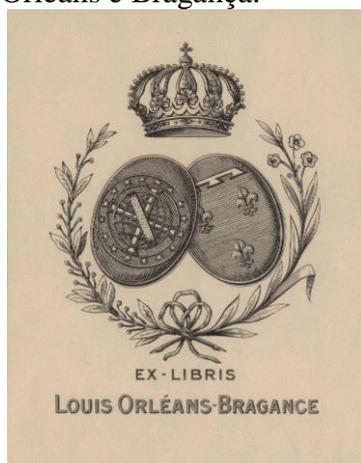
<sup>16</sup> Há instituições que usam o 510 (Nota de citação).

transcrição completa dos elementos escritos, ou seja, palavras, letras, números, sinais diacríticos, signos tipográfico-bibliológicos, e cor desses elementos (quando for diferente do preto).

Na descrição de ilustrações de livros, Stokes (p. 362-363) recomenda que a descrição das imagens deva ser suficientemente detalhada para permitir o reconhecimento. Sugerimos duas formas de análise de imagem: (a) o elemento principal em destaque no primeiro plano, e os elementos secundários, em sentido horário, ou (b) uma leitura da esquerda para a direita, de cima para baixo, tal como se lê um texto em língua ocidental. Se ocorrerem remarças no desenho do ex-líbris, descrever cada uma e as posições que se situam em relação ao desenho principal.

Se o ex-líbris for brasonado, a descrição heráldica se faz necessária; entretanto, se não houver possibilidade de consulta a um heraldista, mencionar a presença do brasão. É sempre desejada a consulta de um especialista em heráldica, pois, o que para alguns é um mero detalhe de semelhança, para a simbologia heráldica trata-se de significados bem diversos; como exemplo, as **Figuras 4 e 5** apresentam o ex-líbris do Príncipe Imperial D. Luís de Orléans e Bragança, segundo filho da princesa Isabel e Gastão d'Orléans, conde d'Eu, e o ex-líbris do Visconde do Rio Branco. No ex-líbris do príncipe, há uma coroa. No ex-líbris do visconde, há um coronel. A coroa é somente para a família real; os coronéis são para duques, marqueses, condes, viscondes.

**Figura 4** – ex-líbris do Príncipe Imperial D. Luís de Orléans e Bragança.



Fonte: acervo pessoal.

**Figura 5** – ex-líbris do Visconde do Rio Branco.



Fonte: acervo pessoal.

Para descrever as imagens que compõem o desenho (design) do ex-líbris, faça um texto conciso buscando responder às seguintes perguntas, nesta ordem: O quê? Como? Quando? Onde? Por quê? (BROER, 1971 *apud* LANCASTER, 2004).

- 541 – ‘Nota da fonte imediata de aquisição’: registrar a fonte e a forma de aquisição do material. Caso a fonte seja conhecida, crie um campo 561 (nota de origem). Na elaboração da nota, procure realçar as formas de doação, datas, pessoas e/ou instituições e situação mais recente do item descrito e de sua respectiva coleção, quando for o caso.
- 545 – ‘Nota biográfica ou histórica da entrada principal’: registrar uma breve biografia da entrada principal, seja ela um autor, instituição ou o próprio item (título). Caso a entrada normalizada de autoria contenha data de nascimento e morte, omita essa informação na nota. Procure registrar onde nasceu, formação, trabalhos e informações relativas às artes, cultura e ao ex-líbris.
- 59X – ‘Notas locais’: pode ser usada, entre outras coisas, para registrar características extrínsecas do ex-líbris, ou seja, aquelas não originais, e o estado de conservação. Servem, também, para o caso de ex-líbris colados.

590 [##] \$a Ex. 2, 2. anotações à lápis no canto inferior direito

590 [##] \$a Ex-líbris em mau estado de conservação

### 3.2.8 Entradas secundárias - 7XX

Faça entradas secundárias (7XX) para o proprietário, o artista e demais envolvidos no ex-líbris. No caso de ex-líbris colado, basta fazer uma para o proprietário e/ou para o autor dentro do registro do livro.

- 740 – ‘Título relacionado e analítico não controlado’: registrar, aqui, títulos além dos citados no 245 e 246 e que sirvam para melhorar a recuperação. Aqui, pode-se colocar a tipologia correta do ex-líbris, como *ex musicis*.

773 – ‘Entrada secundária de analítica’: permite uma descrição bastante completa e relaciona o ex-líbris ao(s) seu(s) respectivo(s) item(s). Registre a parte no todo, ou seja, o ex-líbris dentro do registro do livro que o contém. Preencha os subcampos com o máximo de informações possível, pois serão vistas pelos usuários.

### 3.3 Indexação e classificação

No contexto dos ex-líbris, os termos de indexação ou assuntos são os elementos que figuram na imagem (ex.: leão, menino, castelo, dragão etc)<sup>17</sup>. A instituição pode elaborar seus próprios termos ou retirá-los de fontes como a *Library of Congress* e a respectiva biblioteca nacional.

Sobre a classificação e ordenação física, Salaverria (2012) afirma que as classificações (enquanto ordenação física) das bibliotecas são diferentes das usadas por colecionadores, haja vista que esses, geralmente, buscam só alguma que funcione para eles. Ainda segundo o autor, a classificação abrange ex-líbris avulsos e colados nos livros. Ele sugere, para esse último caso, que sejam feitas reproduções fac-similares para fins de arquivamento (devidamente acompanhado da referência correspondente) e estudo. No caso de livros raros, especiais ou frágeis, o ex-líbris poderia ser consultado sem riscos às publicações.

Salaverria (2012, p. [5], tradução nossa) ainda destaca que o objetivo principal dessa classificação deve ser ‘inventariar rapidamente os ex-líbris, classificá-los com critérios apropriados que surgirão da primeira análise da estampa’<sup>18</sup>. Assim, a classificação poderia ser feita com os sistemas tradicionais (CDD, CDU etc), outras classificações relativas ou localização fixa. Entre as opções de classificação relativa, há o sistema Iconclass<sup>19</sup>, desenvolvido para arte e iconografia. Usado em museus e instituições de arte, conta com uma área de navegação *online* entre as classes e suas divisões<sup>20</sup> (ICONCLASS, 2012c).

No caso de localização fixa, sugerimos que seja baseada nas seguintes características: proprietário, século, país, motivo ou classe (heráldico, *vanitas*, erótico etc.), assunto, estilo, cor, técnica, tamanho, suporte, forma de produção (manuscrito, impresso, digital etc).

Para números de classificação não controlados, em termos de MARC, sugerimos os campos 09X, conforme o exemplo:

090 ## \$a FF0123

<sup>17</sup> Para ilustrar, veja a indexação da Coleção de Ex-líbris Jorge de Oliveira, na UnB, disponível em <http://bdce.unb.br/collections/show/13>. Acesso em: 12 mar. 2020.

<sup>18</sup> “El objetivo principal debe ser inventariar rápidamente los ex libris, clasificarlos con los criterios apropiados que surgirán de un primer análisis visual de la estampa”.

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.iconclass.nl/home>. Acesso em: 09 mar. 2020.

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.iconclass.org/help/outline>. Acesso em: 12 mar. 2020.

Ordenação da Coleção Fernandes Figueira (FF), ordem 123

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de haver algumas regras e convenções, não há padronização em nível internacional na descrição de ex-líbris em bibliografias e catálogos. Por outro lado, a falta de uma descrição minimamente padronizada afeta a recuperação e o intercâmbio de informações, prejudicando a pesquisa e o controle bibliográfico. Nossa proposta busca, a partir de um excerto das boas práticas e normas biblioteconômicas, diminuir a discrepância das descrições, fornecendo subsídios para a elaboração de códigos, manuais e políticas de catalogação desse material. Nesse sentido, é importante ressaltar que nossa proposta está longe de abranger todas as características dos ex-líbris e que respeita a liberdade de escolha de instituições e pessoas, mas ela pode ser um ponto de partida para a adoção ou discussão de uma padronização da descrição de ex-líbris.

**AGRADECIMENTOS:** Agradecemos a ajuda das bibliotecárias Gerlaine Braga e Luciana Lau, ambas da Biblioteca Isaac Kerztenetzky (IBGE), no tocante aos testes no Pergamum e à indicação de bibliografia, além do apoio de sempre.

#### REFERÊNCIAS

- ALVES, Mônica Carneiro. *Manual para indexação de documentos fotográficos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1998. Disponível em: [https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/manual/manual-indexacao-documentos-fotograficos/manualindexacao\\_docs\\_fotograficos.pdf](https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/manual/manual-indexacao-documentos-fotograficos/manualindexacao_docs_fotograficos.pdf). Acesso em: 12 mar. 2020.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- FURRIE, Betty. O que significa MARC? In: FURRIE, Betty. *O MARC bibliográfico: um guia introdutório*. Brasília: Thesaurus, 2000. p. 11-14. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/Apoi oaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2020. p. 33-44.
- ICONCLASS. *Home*. 2012. Disponível em: <http://www.iconclass.nl/home>. Acesso em: 12 mar. 2020.

JOINT STEERING COMMITTEE FOR REVISION OF AACR; FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES; IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO (SP). *Código de catalogação anglo-americano*. 2. ed., revisão 2002. São Paulo: FEBAB: Imprensa Oficial, 2004. 1 v. (folhas soltas) ISBN 8585024046 (FEBAB).

JUNOD, Benoît. *The Technical Symbols*. 2004. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200219213538/http://www.fisae.org/home/symbols-for-techniques>. Acesso em: 5 mai 2021.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. Resumos: tipos e funções. In: LANCASTER, Frederick Wilfrid. *Indexação e resumos: teoria e prática*. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004. p. 100-112.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. *Catálogo no plural*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1955. p. 45-88.

PEARSON, David. *Provenance research in Book History: a handbook*. London: British Library: Oak Knoll Press, 1998.

PINHEIRO, Ana Virginia, Metodologia para inventário de acervo antigo. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 123, p. 9-31, 2003. Disponível em: [http://planorweb.bn.br/documentos/anais\\_123\\_2003.pdf](http://planorweb.bn.br/documentos/anais_123_2003.pdf). Acesso em: 8 mar. 2020.

SALAVERRIA, Daniel. *Aproximación a la catalogación y archivo de los ex libris de una biblioteca*. 2012. Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/resources/conferences/pdfs/Salaverria.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SILVA, José Fernando Modesto da. A ISBD: um instrumento de representação descritiva em evolução. In: SILVA, José Fernando Modesto da. *Tópicos para o ensino de biblioteconomia: volume I*. [S.l.: s.n.], 2016. p. 151-165. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002749752.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

STOKES, Roy (Ed.); ESDAILE, Arundell. *Esdaile's Manual of Bibliography*. 5. rev. ed. [s.l.]: Scarecrow Press, 1981.